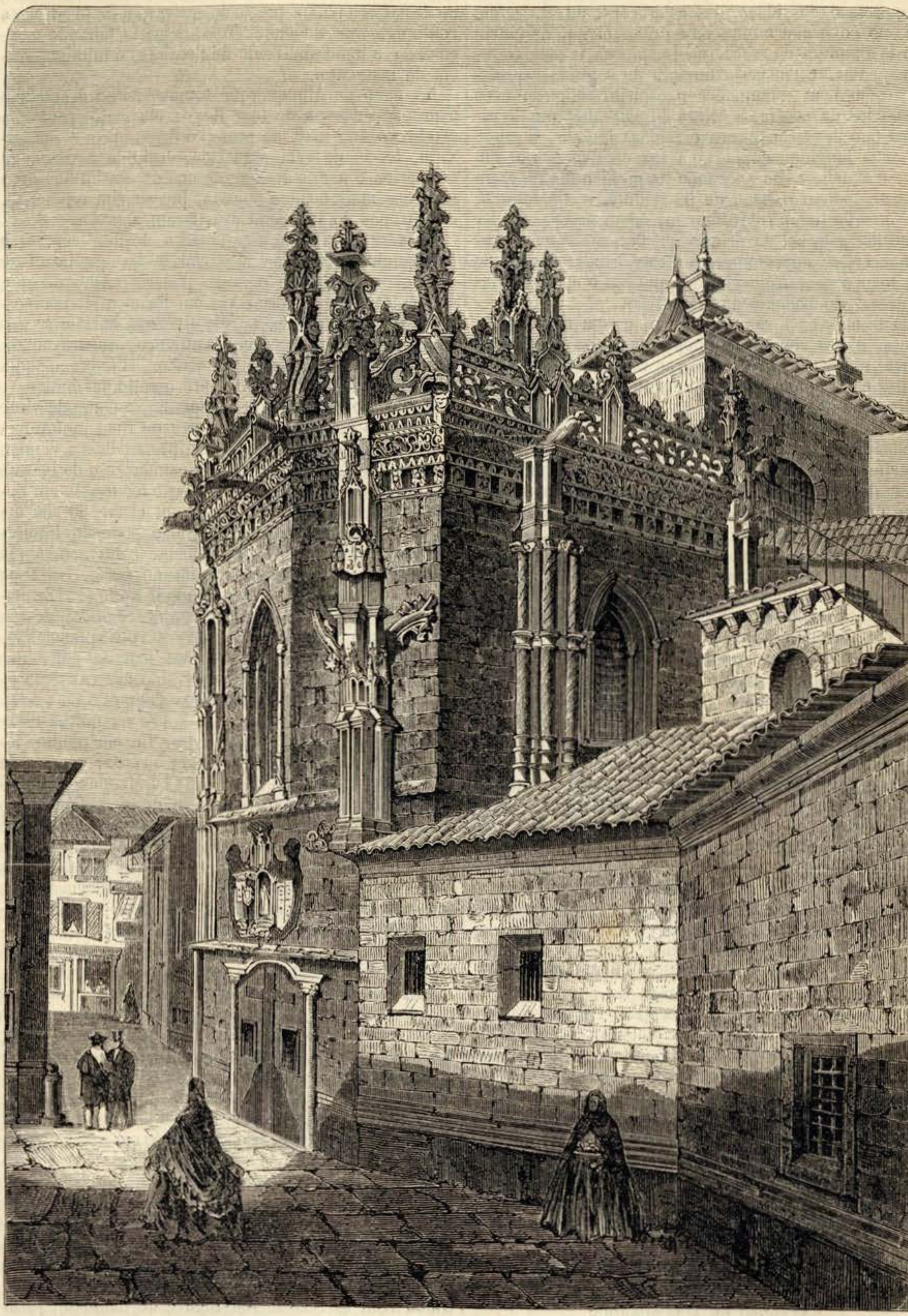


Exterior da capella-mór da sé de Braga

Não precisavam, certamente, os nossos leitores de que lhes indicassemos a epocha em que foi levantado o monumento que ahi lhes mostrâmos em gravura. Aquelles variados relêvos, graciosas rendas e esbeltas e brincadas pyramides, que fazem tão nobre e formosa coroa a todo o edificio, estão declarando a sua origem, como se fossem letras escriptas n'um livro ou gravadas em lapida.

Em toda essa ornamentação, caprichosa e phantastica, está retratada uma das epochas mais gloriosas da nossa historia. Esse estilo architectonico nasceu, por assim dizer, ao mesmo tempo que essa epocha

teve principio, e terminou com ella. Foi como sempre o costumam ser todas as phases da architectura, a expressão das idéas, das aspirações, do viver, em fim, do povo que o abraçou e desenvolveu. Na elevação e grandeza da traça, na imaginosa invenção dos ornamentos, e em certa mistura do sagrado e profano, estão bem estampados o espirito religioso e os devaneios da poesia, a alteza do pensamento e do esforço que devassou mares e regiões ignotas, levando ás mais longinquas plagas a luz do Evangelho. Em fim, n'aquelle bello specimen do gothico-florido espelhou-se todo o reinado de D. Manuel, o *Afortunado*, em que Portugal rejuvenesceu, como arvore secular aquecida pelo sol da primavera, florecendo nas letras e nas artes, no commercio e nas armas; florecendo em todo o genero de glorias, que são o apanagio das riquezas, do poder e da civilisação.

Já tratámos em outra occasião, e com alguma largueza, d'esse venerando templo da cathedral bracharense, que se ufana de mostrar tantos e tão diversos estilos de architectura, como documentos da sua muita antiguidade [1].

Dissemos então que a capella-mór da sé tivera por fundador ao arcebispo primaz D. Diogo de Sousa, aquelle illustrado e benemerito prelado a quem a cidade de Braga deve alguns dos edificios esplendidos que mais a adornam, varios estabelecimentos pios que muito a honram, e novas praças e ruas que a engrandeceram, e que ainda hoje a fazem uma das mais formosas povoações do reino.

D. Diogo de Sousa mandou demolir a antiga capella-mór por estar damnificada, e, talvez ainda mais, por lhe parecer acanhada. Effeituou-se a fundação da nova no começo do seculo XVI.

Não repetiremos agora o que já dissemos sobre a sua architectura, tanto exterior como interior. Mas daremos explicação d'aquella *mistura do sagrado com o profano*, a que acima alludimos. Consiste esta em certas figuras, que servem de biqueiras, e que resaltam da parte superior do edificio, junto á renda ou gradaria que o guarnece e remata. O architecto, seguindo uma das leis do estilo gothico-florido, que prescrevia a maior variedade possivel na ornamentação dos edificios, deu ás biqueiras diversas fórmas de animaes, e, por singular extravagancia, representou uma sob a figura de um homem em uma posição grotesca e impropria do logar. É inteiramente analoga a uma que se vê na torre dos sinos da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães.

A capella-mór da sé de Braga faz rosto á rua de S. João do Souto, no fundo da qual, em perfeita correspondencia com aquelle monumento, está a capella gothica de Nossa Senhora da Conceição, obra da mesma epocha, e talvez do mesmo architecto, onde se vê um vestibulo decorado com tres estatuas de santos, e duas, do tamanho d'estas, representando um satyro e um centauro [2]. Esta alliança, pois, do profano e fabuloso com o sagrado, constituiu uma das feições do estilo gothico na sua degeneração e ultima phase da transição para o estilo chamado do *renascimento*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

UMA PAGINA GLORIOSA DA HISTORIA DA INDIA

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

(Conclusão. Vid. pag. 198)

III

Não o deixavam os cuidados da guerra, nem os reinos que elle havia fundado se conservavam pacificos; a sua ausencia, augmentando o esforço nos inimigos, fazia com que elles pensassem em retomar o que se lhes tinha ganho e avassallado. Em Goa, sobre tudo, andavam as coisas desordenadas. O Hydalcão fizera de Benastarim uma praça de guerra, e de lá avexava continuamente a cidade. Nos nossos ia faltando o accordo, e a impossibilidade de desalojar o inimigo crescia de momento.

No peito de Albuquerque tomava corpo desmedido a grande empreza do mar Roxo; obrigado, porém, a acudir ao que mais de prompto demandava o seu auxilio, fez-se de vela para Goa, decidido a varrer os contrarios e a desaffrontar os nossos. Assim foi; após uma das mais feridas pugnas, Benastarim rendeu-se, e as tropas do Hydalcão evacuaram a praça.

Chegára para Goa uma quadra de florescencia; o commercio elevava-se e desenvolvia-se; ampliavam-se os nossos creditos e o nosso poderio; Albuquerque, no centro da sua gloria, via em torno a si, por cortejo, os embaixadores de reis diversos. Faziam-se uns tributarios, solicitavam outros alliança, procuravam todos congraçar-se com o novo senhor, cujo braço poderoso era um jugo deitado sobre o collo das Indias.

A frota de Albuquerque compunha-se então de vinte navios. No ponto de sair a barra de Goa, juntou elle em conselho os seus capitães e propoz-lhes a viagem do mar Roxo. Muito tempo as calmarias o detiveram no alto, até que em fim, depois de ter tocado em Socotorá, se achou á vista de Adem, chave do seu arrojado emprehendimento. Ahi, não podendo inteiramente levar a cidade de vencida, contentou-se em queimar os navios que estavam no porto, entrando depois arrogante pelas aguas do mar Roxo (1513). Parece que este feito de Albuquerque, embora de um brilhantismo apparente, não teve as consequencias favoraveis que deviam augurar-se; mas se por outro lado o encararmos, veremos ter sido elle causa da timidez que salteou todos os povos d'aquellas paragens.

Içar a bandeira portugueza sobre os muros escalavrados de Malaca, e depois trazel-a em punho, fazendo-a tremular junto a Suez; acordar o mar da China com o estrondo das nossas bombardas, e depois fazer com que o ar retumbasse quasi ás portas do Mediterraneo; correr sobre esta enorme extensão de mar, levando em frente o anjo da victoria; cobrir a Asia com o manto do triumpho, como as montanhas se cobrem com um manto de neve; diffundir em raios o sol da nossa fama, e com elles offuscar os mais terriveis contendores, eis o que era, sem dúvida, consequencia d'esses actos, que apenas se nos afiguram revestidos de um ephemero esplendôr guerreiro.

Ia por este tempo a inveja fazendo levedar na corte o mau fermento da calumnia; as accusações contra Albuquerque e as epistolas diffamatorias juntavam-se em barda ao pé do throno de D. Manuel; aquelles cuja podridão de caracter era tanta que nem a distancia podiam supportar a rigida inteireza do governador, trabalhavam para destruir a sua obra, minando e solapando vilmente, transformando em causa de censura o que deveria ser motivo de galardão eterno. Grande era o animo de Albuquerque, e bem sabia elle os precipicios que ao redor lhe cavavam os inimigos; mas nem aquelle trepidava, nem estes lhe faziam arredar os olhos dos seus agigantados planos.

Na sua volta do mar Roxo desfez quanto os perturbadores haviam tramado em Cochim e Cananor, tratou com os reis de Narsinga e de Cambaia, ratificando propostas já trocadas entre elles, e obtendo d'este ultimo o levantar-se uma fortaleza em Dio. Depois, aprومptando a sua frota, que era de vinte e sete vasos de diversos portes, convoca os seus officiaes, propõe a expedição de Ormuz, e para lá parte resolvido a reconquistar o que lhe haviam feito escapar das mãos.

Os negocios de Ormuz haviam mudado por aquelle tempo (1515); Coge Atar morrêra, e o seu successor,

1 Vid. a gravura e artigo a pag. 185 do vol. V.
2 Vid. a gravura e artigo a pag. 217 do vol. IV.

introduzindo na governação do estado homens affeiçoados a Ismael, e deixando que as tropas da Persia se estabelecessem n'aquelle territorio, tinha quasi posto o reino inteiro nas mãos do Sophi. O tributo á corôa portugueza ainda era pago, mas retinham a cidadella que Albuquerque edificára, sem concederem aos portuguezes uma feitoria na cidade. O rei, segregado de toda a administração, e quasi que encarcerado no seu palacio, sentia a corôa resvalar-lhe da fronte sem que lanças amigas lh'a viessem sustentar.

Tendo a nossa esquadra ancorado em frente de Ormuz, Albuquerque deu-se logo em communicar as suas intenções, conseguindo em breve tomar posse da cidadella e arvorar sobre o palacio do rei a bandeira de Portugal. Os ministros traidores buscavam meio de frustrar uma bemquerença, que tão rapida apparecêra entre Albuquerque e o rei; mas este, que, livre d'elles, se via firmado em um poder que até alli lhe fôra ficticio, estringia cada vez mais os laços de concordia, e, empunhando o sceptro deposto, beijava agradecido a mão do libertador.

N'este comenos caíu Albuquerque enfermo; as lidas continuas, as fadigas do corpo e do espirito, iam-lhe quebrando as forças e diminuindo os alentos. Aquelles sessenta annos de uma actividade tamanha que produzia espanto nos capitães mais verdes, abateram por fim, e, alquebrando o peito do velho, lembravam-lhe que despisse a armadura. Um pequeno allivio na molestia deixou-o embarcar-se para tornar a Goa. Acabára elle de sair do golpho quando uma pequena embarcação de moiros, vinda de Dio, se lhe aproximou a entregar-lhe cartas. N'uma d'ellas se lhe noticiava que Lopo Soares de Albergaria tinha chegado ás Indias com doze navios para lhe succeder no governo; que Diogo Mendes de Vasconcellos tambem vinha governar em Cochim, trazendo Diogo Pereira para feitor. Na outra, que era do embaixador Ismael, se lhe confirmava o mesmo, procurando-se-lhe azedar a vontade e quebrantar-lh'a com a ingratidão dos seus.

Não era elle Coriolano para se bandear com inimigos da patria, e voltar contra ella o ferro vibrado em tantas luctas heroicas; a sua consciencia dizia-lhe lá dentro, e bem alto, o que, tempos depois, havia de dizer o mais eloquente dos seus conterraneos: — «Se servistes a patria que vos foi ingrata, vós fizestes o que devieis, ella o que costuma. Mas que paga maior para um coração honrado que ter feito o que devia? Quando fizestes o que devieis, então vos pagastes. O que vos deu a virtude não vol-o póde tirar a inveja; o que vos deu a fama não vol-o póde tirar a ingratidão. Deixae-os ser ingratos, para que vós sejaes mais glorioso!»

Era isto o que a sua consciencia lhe diria de certo, mas o desgosto que no fundo d'alma lhe lavrava não podia tambem deixar de resfolgar em palavras sentidas. Pasmado pela victoria dos seus inimigos, descortinando n'um relance em qual decaimento se veria mais tarde aquella parte do mundo que elle havia conquistado e engrandecido, não póde deixar de prorromper n'estas exclamações amargas: — «Como! Soares governador das Indias! Vasconcellos e Diogo Pereira, que eu fiz passar a Portugal como criminosos, reconduzidos com honra! Mal com os homens por amor do rei, e mal com o rei por amor dos homens! Morre, Affonso de Albuquerque (dizia então a si mesmo), que cumpre á tua honra morreres!»

Socegado um pouco mais d'aquella exaltação a que uma dor vivissima o impellíra, decidiu-se a escrever a el-rei. Esta carta, uma das mais bellas que nos legou a antiguidade, merece andar na memoria de todos os que ainda prezam a religião do passado. Não ha n'ella o franco orgulho com que o vencedor de Syphax e dos carthaginenses responde ás murmurações da patria; ha a serenidade do que descança a cabeça encanecida no regaço da gloria, e que aponta ainda com a espada ensanguentada para o largo imperio que ferropeou ao throno de um ingrato. A carta de Albuquerque é n'estes termos: — «Senhor, escrevo esta ultima carta a vossa alteza com uma angustia que para mim é signal certo da minha morte proxima. Tenho um filho no reino, rogo que o façaes grande á proporção de meus serviços; e eu lhe ordeno de vol-o requerer, sob pena de incorrer na minha maldição. Não vos digo nada das Indias; ellas vos fallarão assaz, assim por si como por mim.»

Fez em seguida queimar as cartas que os moiros do Indostão mandavam aos seus correspondentes de Ormuz, advertindo-os da mudança de governador, e lembrando-lhes o estado favoravel em que para elles se estabeleceriam os negocios; e passando em seguida a tratar de sua alma, mandou, quando perto de Goa, buscar o vigario geral, com quem passou a noite em piedosos exercicios. Aos 16 de dezembro de 1515, em domingo, uma hora antemanhã, deu a sua grande alma a Deus, contando então sessenta e tres annos de edade, dos quaes os ultimos dez tinha passado nas Indias.

Seu corpo foi levado a Goa, e sepultado, com geral sentimento do povo, na capella de Nossa Senhora da Serra, que elle mandára edificar em uma das portas da cidade pelo feliz successo da conquista de Malaca. Era alli que os moiros e os gentios concorriam de futuro, offerecendo votos junto ao seu tumulo, e pedindo justiça contra a tyrannia d'aquelles que lhe succederam no cargo sem lhe succeder na virtude. Cincoenta annos depois foram os seus ossos trasladados para Portugal, sendo, porém, necessario empregar excommunhões para que os moradores de Goa não oppozessem resistencia, como antes tinham opposto.

Chegados a Lisboa no dia 6 de abril de 1566, foram conduzidos com grande solemnidade á casa da misericordia, e d'ahi levados em procissão, no dia 19 de maio, para o convento da Graça, da ordem de Santo Agostinho. Celebraram-lhe exequias, e foi seu panegyrista o prégador del-rei D. João III, fr. Sebastião Toscano.

Affonso de Albuquerque, grande pelos seus feitos, não o era menos pelo nascimento. Descendia elle de D. Affonso Telles de Menezes, rico-homem, casado com D. Theresa Sanches, filha del-rei D. Sancho I de Portugal, e era filho de Gonçalo de Albuquerque, terceiro senhor de Villa Verde, e de D. Leonor de Menezes, filha do primeiro conde de Athouguia.

Estas grandezas, porém, que os nobiliarios registam e com que os fatuos se adornam, nada valem comparadas com as que elle soube adquirir a preço de suas conquistas.

Na guerra ninguem o egualava na vastidão dos projectos, na audacia com que os executava, no tacto com que os predispunha. Era capitão e soldado, prudente e impetuoso, tão apto para a lucta como para o conselho, tão corajoso em Benastarim como atilado em Malaca.

Tres reinos conquistados, immensas fortalezas erguidas, a paz firmada em todas as partes da India pelo prestigio do seu nome, os reis vencidos e arrebanhados, ora mendigando a alliança, ora desangrando-se em tributos, eis o que elle fez e o que elle legou á patria. A rectidão do seu caracter chegava quasi á severidade. Não conhecia os atalhos por onde muitas vezes se encaminha a justiça; andava direito e inflexivel. Era um homem d'aquella tempera por que já suspirava Sá de Miranda; homem cego na distribuição do premio e do castigo, incapaz de pactuar com a injustiça, magnanimo como um rei, austero como um cenobita.

Aquelles extremos de inteireza que lhe notámos, e que parecem por vezes frisar com a crueldade, eram

a grande pêa deitada á ambição dos que mais tarde fariam da India, não trophéo glorioso, mas centro de rapacidade. Os Castros, que juram sobre o evangelho não poder comprar uma gallinha, e que morrem pobres no seu leito, quando, envoltos ainda pela realeza, são os homens transviados no seculo, são os nobres caractéres perdidos em meio da sofreguidão e da cubiça. Quando a disciplina militar perder a sua dureza, quando o ferro das armas se curvar ante o oiro das peitas, quando as mãos se estenderem mais para receber mimos do que para desfazer aggravos, então principiará a afrouxar e a decair esse imperio, a que Albuquerque dera por base a rigida integridade do juiz, e por cumulo a auréola do guerreiro.

Lopo Soares de Albergaria, aquelle a quem D. João II havia dito, nomeando-o por capitão para a cidade e castello de S. Jorge da Mina: — «Lopo Soares, eu vos mando á Mina; não sejaes tão pêco que venhaes de lá pobre» — esse saberá voltar mais rico de bens que de fama. A grande obra de Albuquerque, destruida ou alterada pelos successores, deixará de ser aquillo para que elle a havia destinado, e ir-se-ha desconjuntando pouco a pouco, até perder a força de unidade e aquelle vigor de heroismo que o desinteresse robustecia.

D. Manuel arrependeu-se, é verdade, do que fizera, e percebeu, mas tarde, que não era para todas as mãos o guiar o carro de triumpho que o grande conquistador havia passeiado por todo esse novo mundo. A frecha estava, porém, disparada, e acertára em cheio no coração de Albuquerque; quando sobre aquelle corpo illustre baixou a pedra da sepultura, abria o destino já outra cova, onde havia de soterrar-se o nome e o brilho da nação.

Albuquerque, á similhança de Cesar, pensára em escrever os seus commentarios. Impedido pelos trabalhos, teve de legar a seu filho esse encargo honroso. Ninguem melhor que o vencedor de Ormuz poderia traçar o quadro dos nossos feitos no Oriente; cultivára elle o seu espirito nas bellas letras, e temperava as asperezas da guerra com o trato das boas obras. Era gracioso fallando, e escrevia com elegancia e pureza; tinha estas qualidades raras, que ainda mais o prendiam á familia dos heroes. O que Paterculo diz do vencedor das Gallias parece feito de molde para o conquistador das Indias. Na galeria dos vultos eminentes, que o anjo dos combates enriquece de seculos em seculos, o de Albuquerque pompeia entre os mais distinctos. Duplo genio, politico sagaz e invencivel guerreiro, a sua fronte sobrepuja as mais altivas, e o seu olhar, estendido pelo vasto imperio da Asia, mostra ás gerações o sulco luminoso que a sua espada traçou, passando como meteoro. E. A. VIDAL.

JOSÉ DE ALENCAR

As curtas linhas que vamos escrever, incitado, ou antes constrangido da força de repetidas e amigaveis instancias da empreza do *Archivo*, não podem, certo, aspirar as honras de biographia, e ainda menos merecer a consideração de estudo critico-litterario. Fallecem-nos para uma e outra coisa os elementos necessarios, nem é esta a occasião de os procurarmos. Assim, o nosso proposito limita-se a commemorar em simples apontamentos o que até aqui alcançámos da vida e obras do escriptor brasileiro, cujo retrato acompanha este artigo. Talento illustre, hoje na sazão da virilidade, justamente reputado por seus patricios como um dos ornamentos mais distinctos da actual litteratura no Brasil, por elle já abrilhantada com muitas e variadas publicações de merito inquestionavel; mas que por desgraçada consequencia de um fado mau, que do coração lastimâmos, e a que por mais de uma vez temos alludido em outros logares, é talvez entre os portuguezes menos conhecido do que havia direito a sêl-o. Sirva, pois, este brevissimo e mal delineado esboço para dar aos nossos conterraneos, que não a tiverem, alguma noticia mais particular das producções de tão abalisado engenho, acompanhada de tal qual informação das circunstancias pessoaes que lhe dizem respeito.

O sr. José Martiniano de Alencar nasceu na provincia do Ceará, em o 1.º de maio de 1829. Seu pae, de quem herdou o nome, tendo merecido a honra de representar pela primeira vez a sua provincia, tomando assento como deputado nas cortes extraordinarias e constituintes congregadas em Lisboa em 1821, teve parte nos trabalhos d'este congresso até ao fim, concluindo e assignando com seus collegas a Constituição de 23 de setembro do anno seguinte. Proclamada, porém, a emancipação e independencia do Brasil, voltou para a sua patria, e ahi prestou notaveis serviços á causa do nascente imperio, exercendo cargos importantes, e por ultimo o de senador.

Filho, como dizem, natural (o pae, na qualidade de ecclesiastico que era, não podia contrahir união auctorisada á face das leis da egreja e do paiz), o sr. Alencar pareceu destinado para provar mais uma vez o que tantas tem sido dito e repetido ácerca da natural aptidão e idoneidade dos *illegitimos* para o cultivo e exercicio quer das armas, quer das letras. Opinião assentada desde longos annos, e que era tambem a do nosso Camões, quando nas estancias que compozera para seguirem á segunda do canto IV do seu poema (omittidas depois na impressão, talvez por exigencias da censura), a proposito do vencedor de Aljubarrota, cantava d'esta sorte a preeminencia dos *bastardos*:

«Sempre foram bastardos valerosos
Por letras, ou por armas, ou por tudo;
Foram-no os mais dos deoses mentirosos,
Que celebrou o antiguo povo rudo:
Mercurio, e o docto Apollo são famosos
Por sciencia diversa, e longo estudo:
Outros o são por armas soberanos,
Hercules, e Lyêo, ambos Thebanos.

«Bastardos são tambem Homero e Orphêo,
Dous, a quem tanto os versos illustraram;
E os dous de quem o imperio procedeo
Que Troia e Roma em Italia edificaram:
Pois se he certo o que a Fama ja escreveo,
Se muitos a Philippo nomearam
Por pai do Macedonico mancebo,
Outros lhe dão o magno Nectanebo.

«Assi o filho de Pedro justiçoso,
Sendo governador alevantado
Do reino, foi nas armas tão ditoso
Que bem póde igualar qualquer passado:
etc. etc.

Posto que nenhumas informações nos chegassem, relativamente á educação e primeiros estudos do sr. Alencar, sabemos, comtudo, que mui cedo começára n'elle a desenvolver-se a propensão para a sciencia com o gosto do estudo; pois que já em 1846, ao contar dezesete de edade, o achâmos matriculado no primeiro anno do curso juridico da academia (hoje faculdade de direito) de S. Paulo [1]; e que logo por esse tempo, e de sociedade com alguns condiscipulos, fundára alli um periodico, a que deram o titulo de *Ensaios Litterarios*. São n'este da sua penna a introducção e muitos artigos, taes como os que versam sobre as qualidades do estilo, a biographia do famoso indio Camarão, que tanto se distinguiu na guerra con-

[1] A'cerca da fundação d'este estabelecimento e do seu estado actual, consulte-se o artigo inserto no *Archivo*, vol. VI, n. 18.

tra os hollandezes no seculo XVII, etc. etc. Esta publicação mensal durou até 1848, anno em que o sr. Alencar, por motivos que ignorâmos, se transferiu d'aquella academia para a de Olinda, concluindo n'esta os estudos com merecido credito, e obtendo a formatura em 1850.

N'esse mesmo anno passou a estabelecer-se na corte do Rio de Janeiro, abraçando de principio a nobre profissão da advocacia, a qual exerceu por algum tempo, até ser mais tarde nomeado lente de direito mercantil do instituto commercial da mesma cidade. Conjunctamente com as lides forenses e com as funcções do magisterio intercalava os trabalhos da imprensa, escrevendo nas folhas mais acreditadas. Foi nos annos de 1851 a 1855 collaborador na redacção do *Correio Mercantil* (que hoje conta de existencia vinte e tres annos), tornando-se mais notaveis na serie dos artigos que n'elle publicou, os que tinham por assumpto a *reforma hypothecaria*, projectada em 1854, rubricados com a sigla *Al.*; e as revistas semanaes, de setembro d'esse anno até julho seguinte, intituladas *Ao correr da penna*. Collaborou depois alguns mezes no *Jornal do Commercio* (entrado agora no seu anno quadragesimo quinto), inserindo ahi varios artigos de critica litteraria, entre os quaes se citam de preferencia, um ácerca do grande orador brasileiro Mont'Alverne, outro sobre Thalberg, e o terceiro sobre o *Othello*. E, finalmente, em outubro de 1855 assumiu a direcção do *Diario do Rio de Janeiro* (o mais antigo de todos, pois conta ao presente quarenta e seis annos), cujo redactor principal foi até 20 de julho de 1858.

Já conhecido e apreciado vantajosamente como romancista, pelos romances *Guarany* e *Cinco minutos*, com que se estreára no genero, publicados nas columnas do *Diario*, o sr. Alencar quiz tambem experimentar a sua vocação dramatica, compondo várias comedias ou dramas, de que adiante daremos conta, as quaes foram em 1857 e 1858 postas em scena no Gymnasio, e recebidas com merecidos applausos. A causa determinativa d'estes ensaios elle proprio a patenteou, mediante a dedicatoria que passâmos a transcrever, collocada á frente da primeira de suas producções theatraes, *Verso e reverso*, quando publicada pela imprensa em 1857. Eil-a:

«A *** — Uma noite vi-a no Gymnasio; representava-se uma comedia um pouco livre.

«Veiu-me o desejo de fazel-a sorrir, sem obrigal-a a córar. Conservei algum tempo essa impressão fugitiva; um dia ella correu aos bicos da penna, e cristallisou-se.

«Escrevi a minha primeira comedia, o *Rio de Janeiro*; logo depois o *Demonio familiar*; e ultimamente o *Credito*, que deve representar-se breve.

«Se algum dia, pois, eu for um auctor dramatico, deverei unicamente áquella boa inspiração: a gloria e os applausos que o publico, de generoso, quizer dar a essas pobres producções de minha intelligencia, lhe pertencem.

«A flor não se abriria, se o raio do sol não a aquecesse e animasse. — *J. de Alencar.*»

Mais numerosos teriam sido, porventura, os fructos da sua applicação litteraria, se os deveres de jornalista politico lhe não absorvessem grande parte do tempo, obrigando-o a dirigir attenção e cuidado para os uteis da republica. Várias questões de administração publica e problemas de economia social foram por elle tratados na folha que redigia, expostos e resolvidos com habilidade e saber, tornando-se notaveis os *estudos sobre a alimentação no Brasil*, que mandou publicar no *Diario* em uma serie de artigos.

O governo, reconhecendo a conveniencia de aproveitar em serviço mais condigno a sua prestante actividade, procurou collocal-o em logar accommodado aos seus estudos, chamando-o, em 1859, para director de secção na secretaria de estado do ministerio da justiça, e nomeando-o pouco depois interinamente consultor do mesmo ministerio, cargo de cuja effectividade lhe foi dada a confirmação por decreto de 5 de



José de Alencar

setembro de 1860, referendado pelo respectivo ministro, o sr. João Lustosa da Cunha Paranaguá. Por essa occasião foi egualmente agraciado por sua magestade imperial com o titulo do conselho [1].

A estas provas da confiança e estima do governo, correspondeu a que lhe manifestaram os seus comprovincianos do Ceará, elegendo-o deputado á assembléa geral legislativa por aquella provincia. Tomou assento na camara como tal, e ali desempenhou honrosamente o seu mandato por toda a legislatura de 1861 a 1864.

Tendo dado conta do que sabemos da sua vida, segue-se a promettida enumeração das obras, que por não alongar mais o presente reservámos para segundo artigo.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 183)

Na mesma nave lateral expunha a industria portugueza muita diversidade de artefactos curiosos, e alguns que ostentavam bastante primor, taes como flores artificiaes, quadros com differentes generos de bordados feitos com cabello, fio de escumilha, etc.; outros com ornamentação de conchas, etc. Não faremos menção dos objectos e dos expositores, porque, achando-se este genero de productos da industria nacional n'esta nave, na galeria de oéste da nave central e no salão dos concertos, não estamos bem certos da sua collocação, isto é, dos que se achavam n'esta parte do edificio de que tratámos agora.

Outro tanto podêmos dizer dos chapeos de homem. D'esta industria, que tem tido tão grande desenvolvimento n'este paiz, e que emprega tão grande numero de braços, principalmente em Lisboa, Porto e Braga, vieram á exposição do Porto muita variedade de chapeos de seda, de lã, de feltro, etc. As fabricas dos srs. *Agostinho Roxo, Pedro Gressielle & Irmão*, e *Oliveira Leal*, de Lisboa, e *Maia e Silva*, do Porto, apresentaram chapeos que podem competir com os melhores dos paizes estrangeiros.

Os srs. *Cirla & C.ª*, de Lisboa, exhibiram uma copiosa collecção de chapeos de palha para homens, senhoras e crianças, e uma grande variedade de enfeites de palha, que acreditam a sua fabrica como o primeiro estabelecimento d'este genero na capital e em todo o reino.

Concorreram a este certamen e expozeram aqui as suas obras alguns dos principaes alfaiates de Lisboa, Porto, Coimbra e Villa Real. Os fatos expostos pelos srs. *Catarro*, *Keil* e *Xafredo*, de Lisboa, estavam feitos com a maior perfeição que em taes obras se póde desejar. Os srs. *Xavier*, *J. J. Lourenço*, e *Associação dos Alfaiates*, do Porto, tambem deram testimunho do grande desenvolvimento que tem tido este ramo da industria em o nosso paiz.

Em calçado, tem conseguido egualmente os nossos industriaes mui notaveis aperfeiçoamentos. Em Lisboa, e depois no Porto, é onde esta industria se acha mais aperfeiçoada e florescente. Da primeira d'estas cidades concorreram sete expositores, á frente dos quaes collocaremos o sr. *Stellpflug*.

Da segunda compareceram dez, merecendo entre elles o logar de honra o sr. *Guichard*. De Braga vieram dois, e de Evora um.

Das numerosas fabricas de sabão que ha no reino, algumas das quaes fabricam excellentes e variadas qualidades de sabão e sabonetes, poucas enviaram á exposição os seus productos. Em a nave de oéste viam-se duas grandes peças feitas de sabão, que a todos illudiam, parecendo bem acabada obra de esculptura em marmore. Consistiam em uma mesa de tamanho regular, e um busto del-rei o sr. D. Pedro V, de saudosa recordação, ao qual a mesma mesa fazia as vezes de pedestal. Estas peças foram feitas na fabrica do sr. *visconde de Castro e Silva*, em Valle de Piedade, no concelho de Villa Nova de Gaya. Este expositor apresentou, além d'isso, algumas variedades de amostras de sabão.

Tambem estavam n'esta nave varios quadros, contendo dentes artificiaes, apresentados por dois expositores do Porto e um de Braga; fundas e outros apparelhos hygienicos, instrumentos cirurgicos, etc.

Do alto da parede da mesma nave pendiam alguns oleados e muita variedade de amostras de esteiras. A primeira d'estas industrias não estava bem representada, apesar de ostentar alguns bons productos, por quanto apenas alli concorreu um unico expositor, o sr. *A. J. da Fonseca Paschoal*, do Porto. A segunda mostrava um quadro verdadeiro dos progressos que tem feito, tanto pela variedade das esteiras que alli se viam, como por se acharem entre os expositores os fabricantes que mais se tem esforçado pelo desenvolvimento d'esta industria, que principia a ser conhecida e apreciada nos paizes estrangeiros. Do Porto concorreram dois expositores, e de Lisboa, onde esta industria está muito mais florescente, apresentaram-se seis, entrando n'este numero o sr. *Rufino José de Almeida*, premiado nas exposições universaes de Londres e de Paris, e nas industriaes do Porto de 1857 e 1861; e o sr. *Bruno da Silva*, que expoz, entre diversas esteiras grandes e de variados desenhos e côres, uma sem costura.

Finalmente, no fundo da nave avultavam diversos modêlos em gesso feitos pelos srs. *Anatole Celestin Calmels* e *Francisco de Assis Rodrigues*, director e professor da academia de bellas artes de Lisboa. D'aquelle esculptor achavam-se alli os modêlos para as estatuas e decorações do arco triumphal da rua Augusta, e da sala das sessões da camara dos dignos pares do reino. Constava toda esta obra das seguintes peças: Um grupo de tres estatuas, representando a *Gloria* a recompensar o *Genio* e o *Valor*. Este grupo está representado em um terço da altura que ha de ter o de marmore, que deve coroar o dito arco triumphal. As figuras da *Prudencia* e da *Maternidade*, com um medalhão, e n'elle o retrato da sra. D. Maria II; e as figuras da *Liberdade* e do *Valor*, com outro medalhão, contendo o busto do sr. D. Pedro IV. Toda esta esculptura, em alto relêvo, é para decoração da sala dos dignos pares do reino; bem como alguns modêlos de baixos relêvos. Todas estas obras estavam desenhadas com muita graça e correcção, e perfeitamente modeladas: e o mesmo diremos de uma pequena estatua, tambem de gesso, feita por este distincto artista, e por elle denominada *Ovarina*.

Do sr. *Francisco de Assis Rodrigues* achavam-se alli os seguintes trabalhos: Os modêlos em gesso do grupo de Apollo e as musas, que decora o tympano do theatro de D. Maria II; das tres estatuas que coroam o frontão do mesmo theatro, e que representam Gil Vicente, a musa da tragedia e a da comedia; e dos quatro paineis de baixo relêvo que adornam a fachada do dito edificio, representando as quatro partes do dia — a aurora, o meio dia, o crepusculo da tarde e a meia noite. Além d'estes modêlos, que hoje vemos retratados em marmore com fidelidade, e que tanto augmentaram a reputação de eximio esculptor que o sr. Rodrigues já desfructava, expoz mais o mesmo artista uma pequena estatua em gesso de Sileno, e os bustos, tambem em gesso, dos srs. marquez de Sousa Holstein, Antonio Feliciano de Castilho, e do fallecido

[1] Vid. o *Jornal do Commercio* do Rio, de 16 de setembro de 1860.

professor da academia das bellas artes de Lisboa, Faustino José Rodrigues, que foi esculptor muito distincto, e pae e mestre do sr. Francisco de Assis Rodrigues.

Não sairemos da nave de oéste sem fazermos menção de um ramo da industria nacional que alli figurava tambem, e cujos progressos e desenvolvimento são notorios e geralmente reconhecidos. Referimo-nos á fabricação dos diversos tecidos de lã. As fabricas que expozeram os seus productos n'este salão foram as *do Calvario, de Oeiras* e *da Arrentella*. Em outros logares do palacio exhibiram as *fabricas de Portalegre, da Covilhã* e *de Gouveia* as suas casimiras e pannos finos e grossos, e a *fabrica de Alemquer* os variados tecidos de lã penteada, cardada e mixta.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

A POESIA DAS TRADIÇÕES

(Vid. pag. 187)

VI

Loïc é um moço bretão que sua mãe desejava ver sacerdote. Seria esse futuro muito agradavel ao heroe do poema se uma loira camponeza lhe não houvesse já captivado o coração. Debalde na egreja os olhos de Loïc tentam percorrer o livro sagrado; involuntariamente vão procurar sempre os olhos azues de Anna Hoël, que a muito custo se lhes esquivam. Este mutuo amor dos dois bretões revela-se ao leitor por meio de dois usos altamente poeticos.

Estamos na egreja, n'uma d'essas missas de Nossa Senhora, que na Bretanha se chamam *Perdões*. No altar pende uma roca com as suas estrigas de linho. Chama-se-lhe *Rocada de Deus*. Sabeis qual era o delicioso costume da velha Bretanha? Ora ouvi.

Todos os domingos, antes de começar a missa, um dos cantores do côro chegava ao altar, tirava a roca abençoada, e entregava-a a uma das raparigas presentes. A escolhida era obrigada a fiar durante a semana o linho da roca, destinado a vestir os orphãos da freguezia, e a, no domingo immediato, pôr no mesmo sitio novas estrigas, que por outra seriam fiadas.

Percebe-se que o encarregado de tal missão escolhia sempre a dama dos seus pensamentos para lhe confiar o desempenho da tarefa santa, e a confissão publica d'esse amor, ratificada nos antigos torneios por duros botes de lança e valentes prancharlas, tinha na vetusta egreja bretã a suave sancção da caridade.

Facil é de suppor que Loïc, competindo-lhe n'esse domingo a escolha da fiandeira, foi poisar a roca nas mãos da formosa Anna Hoël.

Quereis agora saber como se descobre que a gentil camponeza correspondia a este affecto? É uma doce lenda quem proporciona o ensejo.

Outr'ora um chefe pagão jurou destruir as cruzes; levado pela sua impiedade, derribou a cruz do burgo; mas o signal adorado pelos christãos appareceu gravado em todas as pedras, e nem eu vos posso dizer quantos milagres essas pedrinhas ainda agora operam.

Anna e Helena, sua irmã, andam-n'as procurando, mas debalde; mais felizes, Loïc e Lilez (namorado de Helena) encontraram os abençoados talismans, vôam para os entregar ás suas namoradas, que não ousam acceital-os; mas apenas o irmão pequeno, menos escrupuloso, os recebe, logo as duas esquivas se approximam a supplicar-lhe que entregue a cada uma a pedra que lhe era destinada.

Querem confissão menos duvidosa?

Mas qual era o motivo por que a meiga Anna repellia os rendimentos do pobre Loïc, apesar de tão agradaveis lhe serem? A devota menina não queria roubar uma alma ao serviço de Deus, e Loïc, desesperado para illudir a sua dor, acceita o convite de um velho marinheiro seu amigo e vae assistir ás bodas de sua filha.

Mora á beira-mar o velho Mor-Vran, e Loïc pela primeira vez encara a magestade do Oceano. Que de poeticas lendas não brotaram alli n'aquellas praias austeras! Como a phantasia popular poetisou o pittoresco aspecto das selvagens fragas! Vêdes essas pedras immoveis, dispersas a capricho, molhando os pés nas ondas que as coroam de espuma? São os antigos *men-hirs*, as sepulturas dos guerreiros celtas; mas a Bretanha christã achou uma lenda religiosa para explicar a existencia d'esses rochedos pittorescos.

S. Cornelio, bispo, fugia n'um carro puxado a bois da sanha dos soldados pagãos. Voavam os pesados animaes para salvarem o santo que é o seu padroeiro; mas subito o mar ergue diante d'elles as suas serras de agua, o mar immenso e terrivel tambem. Param os bois, soltando lamentosos mugidos, e os soldados aproximam-se cada vez mais. Então o santo ergue a mão e estende-a para os seus perseguidores. Como Adamastor na extrema ponta de Africa, sentem os pagãos que se lhes prendem os pés á terra, invade-lhes os membros um frio glacial, os braços descaem inertes e collam-se ao tronco, e os sevos guerreiros transformam-se em pedras. São elles os rochedos que ouvem ha seculos o rugir das ondas, e dispersos no areial, no sitio em que os fulminou a maldição do santo, assustam e espantam os viajantes.

Mas uma tristeza mortal salteia o melancolico Loïc. O seu amor é incuravel, e a imagem de Anna povoa-lhe sempre os sonhos. O seu hospede inquieto leva-o comsigo n'um barco a visitar as ilhas.

Como Briseux as pinta! Que lobrega tristeza não inspira a descripção d'essas pequenas ilhotas dispersas á flor do mar, enlaçadas por um estreitissimo cinto de vagas. Rochedos estereis onde alguns pescadores arrastam uma existencia atribulada, mas onde imperam a hospitalidade e o temor de Deus.

É domingo, e está o mar tempestuoso. O horisonte carrega-se das brumas septentrionaes. A chuva cae tristemente, o vento geme nas concavidades dos rochedos. Os pobres pescadores oppressos vagueiam na praia. Ainda hoje o padre não virá trazer-lhes a ineffavel consolação do officio divino; porque o padre reside na ilha fronteira, e, quando o mar está irritado, quando as ondas rugem surdamente e não consentem no dorso o fragil barco do sacerdote, iça-se além o pavilhão de Deus, que annuncia com differentes signaes as differentes phases da missa. Então os pobres pescadores, de joelhos, de mãos postas, á beira das ondas, erguem a sua oração a Deus, e assistem assim ao officio divino. Que sublime templo, a immensidade dos mares! Que orgão tão admiravel, que tem por teclado as vagas, por organista o vento que agita brandamente os longos cabellos dos bretões ensopados na agua da chuva e na espuma que as ondas lhes jorram ás faces!

Sigamos o nosso bom Loïc na sua volta para Carnac, terra do seu amigo Mor-Vran. Oiçamos aquelle velho que lamenta a decadencia dos costumes antigos. Outr'ora S. Cornelio era o padroeiro dos bois. Os pobres animaes tinham tambem um bemaventurado que os protegia. Nos povos primitivos era vulgar encontrar-se este affecto aos animaes domesticos. Nos campos, esses fieis servidores do homem como que fazem parte da familia; só nas cidades é que se encontra quem maltrate brutamente os irracionaes. Os bretões, que não dispensavam a protecção dos santos, pediam-n'a tambem para os companheiros dos seus trabalhos. Confiavam os bois a S. Cornelio, os cavallos a Santo Eloi; mas Santo Hervé tinha a obrigação especial de os defender dos lobos, e S. Marcos de os livrar das moscas. Nos dias dos Perdões vinham

os toiros beber a agua de S. Cornelio, e eram abençoados pelo santo. O tempo destruiu o costume official, mas os velhos bretões, affectos ás suas crenças, vão á noite em segredo conduzir o rebanho á fonte miraculosa.

VII

Não pretendo, como facilmente se imagina, desenrolar vagarosamente o enredo d'este admiravel poema. Percorramos este jardim e colhamos aqui ou além algumas das suas flores mais mimosas.

Nada mais sublimemente poetico do que a descripção da tempestade nas costas da Bretanha. É um pequeno bote, a cujo bordo vão Anna, Lilez e um padre. A tempestade rebenta na bahia dos Finados, junto da ilha de Sena.

Como é lugubre a poesia d'aquellas regiões do Norte! Mas como é attrahente, ainda assim, como nos enleva, como nos encanta! E como nos versos de Briseux vemos aquellas fragas nuas, aquelle mar tempestuoso, aquelle ceo de chumbo, aquelle horisonte carregado! E os bretões com os seus compridos cabellos vagueando ao longo da praia, a conversarem tristemente, e a contemplarem a erma vastidão dos mares!

Depois, á noite, quando o vento zune na porta mal fechada, quando se sente passar lá fóra a aza da procella, quando a chuva açoita o colmo do tecto, em quanto o fogo crepita na lareira, não são doces historias de fadas, travessuras de bruxas, fadarios de lobis-homens que entretem a longa e triste vigilia. São historias de finados, lendas sombrias de espiritos do mar, de anões perversos, de gigantes horrendos. E as historias contam-se em voz baixa, escutam-se com o modo grave e melancolico dos armoricanos, e despertam um calafrio nos membros do narrador e dos ouvintes.

Em Portugal o Oceano tambem representa um grande papel na mythologia do povo; os seus naufragios, as suas syrtes, as suas incertezas transluzem tambem nas melancolicas estrophes dos poemas da beira-mar. Porém essa tristeza tem um quê antes de suave do que de pungente, e a lenda doira-se sempre com vagos resplandores de thesouros longinquos, de divinas auréolas. O mesmo canto maritimo, na sua plangente melodia, reproduz antes o espreguiçar das ondas voluptuosas de um mar de estio na amurada do barco, do que o monotono marulho das vagas cantando as suas lugubres historias aos rochedos que as assoberbam.

A poesia de Augusto Briseux attinge o sublime da simplicidade no descrever a tormenta, as lendas da bahia dos Finados, o caracter selvagem de alguns dos habitantes das costas, que pedem a S. Beuzec que lhes envie naufragios, promettendo-lhe soberbos tocheiros de prata se a preza for rica, e se o mar arrojar á praia thesouros opulentos dos pobres navios naufragos.

Como nos sentimos transportados devéras á Bretanha, e isto sem grandes esforços do poeta, singelamente, com dois traços! Corre tormentosa a noite; o mar brame na escuridão, e os relampagos fuzilam na coroa das vagas que se atropellam, corceis espumantes no seio das trevas. Não ouvis esse confuso marulhar das ondas? São os zunidos dos finados. Não conheceis a lenda? Vêde como é tremenda e lugubre!

O areial da praia não é doirado, é alvo, porque se fórma com o pó dos ossos despedaçados dos naufragos que se afogaram nos nebulosos plainos do oceano bretão; os afogados! A sua imagem, livida e aterradora, povoa sempre a imaginação dos pescadores a quem talvez esteja egual destino reservado.

D'antes, quando a procella açoitava a face do mar, vinha a horas mortas o espirito das aguas bater á porta de um barqueiro. O pobre homem erguia-se transido de susto e horror e descia á praia. As ondas rugiam com mais furia, e as estrellas sumiam-se nas pregas do véo negro do firmamento para não contemplarem o mysterio horrendo. Estava um bote junto á praia carregado de passageiros, tão carregado que fazia agua por todas as bandas. Eram os afogados; nas orbitas cavadas reluzia um clarão phosphorico, e os ossos rangiam como as taboas do batel. Então, ainda que tivesse de luctar com o vento e com a maré, o pescador via-se obrigado a conduzil-os á ilha de Sena, o antigo sanctuario druidico, ainda hoje sagrado para o povo armoricano.

Hoje, ou porque os pescadores mais resolutos se neguem a dar conta da horrida tarefa, ou porque o espirito das aguas, repellido pela incredulidade do seculo, não queira já ser emissario dos pobres naufragos, o barco dos afogados já não sulca as ondas tenebrosas em noite de tormenta, mas nem por isso deixam elles de percorrer a vasta solidão dos mares. As suas ossadas embalam-se no regaço das ondas, e, quando o relampago rompe o ceo caliginoso, a sua luz phosphorica illumina esses vultos de fórmas vagas que soltam de vez em quando plangentes gemidos. Tremei, ó navegantes! São os espectros dos afogados.

Querem ouvir o poeta contando na sua phrase singelissima os horrores do inverno no mar bretão, e as doces tradições das esposas e mães dos pescadores, as suas usanças poeticas, as suas crenças herdadas das virgens druidicas, e sanctificadas pela agua lustral do christianismo?

Por que pondes o pé nas frageis taboas,
quando desbota a folha e alveja a palha?
Por que infunaes do outono ao vento irado
do bote a vela errante?

Raivoso açoita o mar as ermas rochas.
Muda e pallida amante, a lua, envolta
n'um manto de vapor, n'um véo d'opala,
vem procurar as ondas.

Contempla a noite os horridos mysterios!
Roucos gritos d'amor a vaga exhala!
Erguendo os seios glaucos, no seu leito
Lasciva se revolve.

Desprende e sólta ao vento as verdes tranças.
Do vendaval o sôpro acorda os monstros,
que dormem nas algosas penedias
das liquidas montanhas.

O pirata dos ares vôa e espreita
a preza envolta em turbilhões d'espuma.
E o homem vê do mar no immenso thalamo
o tumulo rasgar-se-lhe.

As velhas tradições narram que outr'ora
humilde a natureza obedecia
á voz das filhas da alvejante Kede.
Refervia em cachão a agua das fontes
ao vosso mando, magas soberanas,
vacillavam as pedras, do regaço
da lua a herva mystica tombava.
As vestes desatadas sacudindo,
arrojavam ao ceo o vento e as nuvens,
ou, namoradas dos mancebos d'Arvor,
lhes davam quando o mar os reclamava
n'um laço d'oiro os vendavaes captivos.
De nossas mães as mães nós mesmos vimos
nas fragas celebrar estes mysterios.
Se a negra cerração os ceos toldava,
e os esposos, os paes, os meigos filhos
vagueavam no mar embravecido,
á noite iam varrer o chão da ermida,
levavam no regaço o pó sagrado,
e arrojavam na praia ao mar e ao vento
o talisman que aplaca a tempestade.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.